



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

APONTAMENTOS FOLCLÓRICOS FAMILICENSES.

BRANDÃO, Abílio de Magalhães

Ano: 1891 | Número: 8

Como citar este documento:

BRANDÃO, Abílio de Magalhães, Apontamentos folclóricos famalicense. *Revista de Guimarães*, 8 (1) Jan.-Mar. 1891, p. 47-51

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

APONTAMENTOS FOLKLORICOS

FAMALICENSES

(Continuado do vol. anterior, pag. 202)

COSTUMES FAMALICENSES

IX

Serração da velha

No dia de «serra-se a velha» (quarta-feira do terceiro domingo de Quaresma) costumavam alguns famalicensees envergar saias brancas pelos hombros e iam, de noite, serrar a valer um caixão ou cortiço á porta das mulheres de idade avançada.

O *sérr-sérr* do serrote era acompanhado pelos serradores com a arreliadora e onomatopaica phrase: «sarre-se a velha... sarre-se a velha...»

Ainda se não extinguiu de todo, nas aldeias, este antiquissimo costume.

X

Romaria do Santo do Monte

A dois kilometros de Famalicão, na freguezia do Louro, logar do Monte, realisa-se, no domingo de Paschoela, uma antiga romaria a Santo Ovidio, sómente conhecido por Santo do Monte.

Em 1706 ainda se festejava o Santo do Monte na segunda-

feira de Paschoela e a esta ermida de S. Frey Pedro Gonçalves Telmo concorriam muitos clamores das freguezias limitrophes. As promessas que mais abundavam na sacristia eram telhas, que as devotas offertavam ao Santo do Monte, depois de darem tres voltas á capellinha.

Ainda hoje, muitas devotas levam á cabeça, ou em lenços, as telhas para consagrarem ao santo.

O mais original é que *todas* as telhas são furtadas: não só porque sempre assim foi de costume, mas tambem porque o povo crê que a offerta não tem merecimento não sendo furtada.

XI

Botar as almas

Em quasi todas as freguezias foi de costume «botar as almas». Já noite entrada, o «botador das almas» ia pela encosta das montanhas a tocar campainha, e, na direcção dos povoados, trepava ao cume dos penedos, ou ao alto das arvores, e, em alta voz, compassada e plangente, exhortava:

«Irmãos, rezai um P. N. e uma A. M. pelas almas que estão nas penas do fogo do Purgatorio».

Nas caliginosas noites de inverno, em vez de campainha, levava o «botador das almas» uma lumieira.

Era assim costume em S. Cosme — corrobora-nos mais um idoneo informador d'esta freguezia, que se recorda de ouvir, ha cincoenta annos, pouco mais ou menos, «botar as almas».

XII

Reisadas

No dia de reis costumam os «conversados» levar á porta das suas «moças» uma *esturdia* e cantam-lhe os reis e versos eroticos.

As «moças», que são briosas, dão uma prenda ao derricho em reconhecimento de lhe levar as reisadas.

As prendas dão-se até ao dia de S. João e as mais vulgares são: um *cache-nez* ou lenço de bolso.

Em S. Thiago da Cruz, Monquim e ainda outras freguezias, a prenda mais em moda é uma camisa bordada no peito.

Tambem se chamam *reisadas* á representação do *auto dos reis*.

Estes espectaculos, ao ar livre e em cima d'um estrado de madeira, principiam no dia de natal e findam no domingo gordo.

Os actores são todos camponezes.

As *reisadas* estão muito vulgarisadas e poucas são as freguezias em que se não tenham representado.

*

Domingo de Ramos, os mancebos offertam ás suas « conversadas » um ramo de flôres, cuidadosamente composto, e uma rosca de pão de ló.

Este presente é collocado, de surpresa, á porta ou na janella da « conversada » pelo seu derrick, que fica de vigia até que ella appareça para o arrecadar.

XIII

Cadeirinhas das malhadas

Nas malhadas de centeio é de velha usança entre os malhadores, pela sésta ou na *decrúa* (fim da debilha), atar as pontas do lençol de « abanar o centeio » a quatro mangoaes, á guisa d'um pallio. Quando apparece o patrão da malhada, pedem-lhe, rogam-lhe, instam, obrigam-no a sentar-se n'uma cadeira, a que pegam dois ou quatro malhadores, e, coberto com o pallio, passeam-no em *charola*, ao redor da eira. No fim da *procissão* é costume dar um copo de vinho, pelo menos, a cada um dos malhadores.

XIV

Costumes das vessadas

No dia da ultima *vessada*, emquanto os trabalhadores estão a jantar, costuma uma das filhas do patrão da layra, ou qualquer moça que tome parte na *vessada*, pendurar do cabo

da *sega*¹ uma rosca de pão de ló ou de trigo e um ramo de flôres, a que só tem jus o *lavrador* (o que pega ás *rabiças* do arado para o guiar).

Se algum jornaleiro chegar primeiro á vessada do que o *lavrador*, furta-lhe a rosca, esconde-lh'a ou foga-lhe com ella. Esta costumeira tem originado, muitas vezes, brigas assignaladas com sangue.

Se o *lavrador* tem « conversada » e esta anda a trabalhar na lavra, costuma presenteal-o com um lindo ramo de rosas, que ata á *sega* do arado; e se ella é briosa, offerta, tambem a cada um dos outros trabalhadores um raminho.

Aos trabalhadores das vessadas dão-se cinco refeições: a primeira de manhã cedo — almoço; a segunda cêrca das 10 horas — *pego*, que consta de pão e laranjas ou azeitonas, e nas grandes vessadas é muito de costume dar-lhes *filhos*. Ao meio dia — jantar. Pelas quatro horas — merenda. Á noite — ceia.

A todas estas refeições dá-se-lhes um copo de vinho, afóra os que lhes mandam dar muitos patrões, além das horas de comida.

XV

Arco dos casamentos²

Quando se celebrava algum consorcio auspicioso era de costume em algumas freguezias, principalmente em S. Thiago da Cruz, fazer um arco de cannas lindamente enfeitado de murta, flôres, laços de fita e pequenos espelhos, para, no regresso da igreja, os noivos passarem por debaixo.

Do centro do arco pendia uma maçã e um limão.

A noiva tirava a maçã e dava-a ao noivo, querendo significar que só lhe dará doçura e satisfação e jámais terá tentações...

O noivo colhia o limão e entregava-o á esposa, para que não tenha fastio e viva com gosto.

¹ *Sega* é uma faca de ferro que se introduz quasi verticalmente no *alvado* do *apo* (haste de madeira a que se ligam as outras peças do arado) para abrir caminho á *relha* (lança de ferro que corta a terra horizontalmente, faz o sulco e dá começo á elevação da leiva).

² Cf. *Trad. pop. de Port.*, pag. 218.

Aos lados do arco collocavam-se duas raparigas, com os seus melhores trajas domingueiros, que, durante esta cerimonia, lançavam dos açafatesinhos punhados de flôres desfolhadas sobre os noivos.

*

O ultimo *arco de casamento* que se fez em S. Thiago da Cruz, foi ha doze annos, para festejar o enlace do snr. Bernardo Pindella, ajudante de campo de S. M. El-rei D. Carlos, quando s. exc.^a e exc.^{ma} esposa vieram passar a lua de mel para o solar de Pindella, do nosso visinho e amigo visconde de Pindella (Vicente), ministro de Portugal na Haya (Hollanda).

Villa Nova de Famalicão, 1890.

ABILIO DE MAGALHÃES BRANDÃO.

*